



USO DO PÁTIO ESCOLAR PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

DOI: <http://dx.doi.org/10.55449/conresol.6.23.II-018>

Carla Cristina Alves de Moura(*), Maria Eduarda Zimmermann, Graciane Regina Pereira

*Instituto Federal de Santa Catarina Câmpus Gaspar

RESUMO

Neste presente trabalho, encontra-se um recorte de um projeto maior e parte de revisões bibliográficas, ampliando o conhecimento sobre Educação Ambiental (EA). O intuito do projeto é mostrar como o pátio da escolar pode ser usado como um espaço educador, apontando algumas possibilidades, como o jardim, o meliponário, a horta, o viveiro e a trilha. Com os resultados obtidos, foi possível mostrar que o ambiente escolar pode proporcionar experiências ao ar livre e interações dos alunos com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Pátio Escolar; Trilhas; Hortas; Meliponário.

ABSTRACT

In this present work, there is a clipping from a larger project and part of bibliographic reviews, expanding knowledge about Environmental Education (EA). The purpose of the project is to show how the school yard can be used as an educational space, pointing out some possibilities, such as the garden, the meliponary, the vegetable garden, the vivarium and the trail. With the results obtained, it was possible to show that the school environment can provide outdoor experiences and student interactions with the environment.

KEY WORDS: Environmental education; School yard; Trail; Vegetable garden; Meliponary.

INTRODUÇÃO

Promover a educação ambiental nas escolas é uma obrigatoriedade prevista em diversos documentos legais do país, por exemplo: Política Nacional de Educação Ambiental, Resolução MEC/CNE: Diretrizes para Educação Ambiental, Base Nacional Comum Curricular, e o Programa Estadual de Educação Ambiental. E, se for possível realizar essas atividades educativas fora da sala de aula, mas dentro da segurança dos muros da escola, todos os espaços possíveis precisam ser criados.

Processos educativos ocorrem em todas as experiências vivenciadas pelos sujeitos, por isso, promover deliberada e sistematicamente ações de educação ambiental traz experiências únicas e transformadoras. Entende-se que o pátio de uma escola seja um lugar que propicie um ambiente favorável para a formação, por ser mais livre e aberto, “se para os educadores o locus central do processo educativo é a sala de aula, para os estudantes é o pátio. Pois é lá que eles praticam e atualizam o motivo principal que os faz estarem ali, na escola: o encontro com o outro, com os outros” (FARIA, 2011 apud BARROS, 2018, p.21).

As instituições de ensino precisam promover a Educação Ambiental de forma transversal e permanente, como visto acima, e por que não utilizar o pátio escolar como espaço para desenvolver atividades educativas? Considerando essa questão levantou-se, por meio de levantamento bibliográfico, algumas possibilidades educativas que podem ser implantadas em um pátio escolar, neste recorte se apresenta os jardins, as hortas, o meliponário, o viveiro de mudas e as trilhas.

Educação Ambiental

A Educação Ambiental (EA) pode ser compreendida como o meio no qual cada pessoa é o principal agente no seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

A educação ambiental não é, portanto, uma “forma” de educação (uma “educação para...”) entre inúmeras outras; não é simplesmente uma “ferramenta” para a resolução de problemas ou de



gestão do meio ambiente. Trata-se de uma dimensão essencial da educação fundamental que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social da relação com o meio em que vivemos, com essa “casa de vida” compartilhada. A educação ambiental visa a induzir dinâmicas sociais, de início na comunidade local e, posteriormente, em redes mais amplas de solidariedade, promovendo a abordagem colaborativa e crítica das realidades socioambientais e uma compreensão autônoma e criativa dos problemas que se apresentam e das soluções possíveis para eles (SAUVÉ, 2005, p. 317).

A educação ambiental é obrigatória em todos os níveis e modalidades de ensino e cada instituição, dentro de suas peculiaridades define a melhor forma de promoção, a qual pode ser com a inserção curricular transversal, projetos específicos e ainda com o devido gerenciamento ambiental. Desenvolver uma formação integral e responsável significa ofertar as mais variadas experiências aos educandos, amparadas em conhecimento científico e criticidade frente às complexas e dinâmicas interações socioambientais.

A educação ambiental vivenciada em ambientes externos a sala de aula valoriza as pessoas de forma integral, incluindo, inserindo e priorizando o conhecimento através do corpo, dos seus sentidos e de uma percepção mais sutil, tanto de si quanto dos outros, do mundo e da natureza. (MENDONÇA, 2007). Essa forma de educar baseia-se no estímulo ao contato direto com a natureza, buscando a reintegração do ser humano ao meio natural, tendo como objetivo uma consciência crítica e transformadora. Esse contato deve ser planejado, objetivando despertar o reencantamento pelo ambiente, promovendo “comportamentos inovadores e criadores de novos modos de viver, de novas culturas” (MENDONÇA, 2007, p. 119).

Atividades vivenciadas potencializam a aprendizagem, em especial na área ambiental, pois os alunos se percebem como parte daquele contexto e passam a pensar sobre e se preocupar com o que vivenciaram, e isso é bastante significativo para sua formação.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo central da proposta Pátio Educador foi desenvolver e avaliar alternativas de locos educativos em um pátio escolar, usando como campo de estudo um instituto federal, o IFSC Gaspar. A proposta ampara-se nos valores assumidos pelo IFSC associados à questão do meio ambiente, entre eles: a inovação, pautada em práticas que estimulem ações criativas e proporcionem soluções diferenciadas à sociedade; a qualidade, pautada na entrega de valor público, oferecendo respostas efetivas às necessidades de alunos e sociedade; e a sustentabilidade, pautada pela responsabilidade ambiental, social e econômica.

Objetivos específicos

- a) Mapear as áreas naturais e construídas com possibilidades de uso para educação ambiental ampla e inclusiva;
- b) Aprofundar os estudos na área de ferramentas de educação ambiental ao ar livre.
- c) Instalar espaços educativos utilizando materiais acessíveis e sustentáveis.
- d) Estabelecer metodologias de educação ambiental relacionadas a cada espaço educativo.
- e) Avaliar a efetividade das propostas pedagógicas nos espaços educativos.
- f) Atender às diretrizes públicas nacionais, estaduais e municipais relacionadas ao desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA

A pesquisa, considerando sua abordagem, se configurou como qualitativa. Com relação ao objetivo, a pesquisa configurou-se como exploratória, pois buscou proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (GIL, 2010). Como instrumentos, a pesquisa utilizou a pesquisa bibliográfica (livros, artigos, anais), segundo Gil (2010) toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica.



RESULTADOS

A seguir são apresentadas algumas possibilidades educativas de um pátio escolar, encontradas na pesquisa bibliográfica.

• Jardins

O jardim em um pátio escolar torna o ambiente mais acolhedor, além das inúmeras possibilidades educativas que podem ser exploradas. Cabe a cada instituição pensar como usar o espaço disponível para fazer o ajardinamento com as escolhas adequadas das plantas, dos substratos e dos equipamentos. Sendo um espaço de convivência e de socialização é muito importante que no jardim haja bancos ou estruturas similares que permitam aos alunos ficarem à vontade e confortáveis nas horas de descanso, como também nos momentos de estudo.

Uma forma de jardim com foco educativo é o jardim sensorial. O jardim sensorial possui fundamentos de caráter construtivista, pois respeita os visitantes e suas ideias, prioriza o seu envolvimento com a natureza e resgata os seus conhecimentos prévios a fim de auxiliar na formação do conhecimento científico. Nesse os discentes possuem a liberdade de desenvolver uma metodologia de aprendizagem agradável, cuja participação é ativa e os conteúdos formais são apresentados em um ambiente descontraído, fazendo com que os estudantes sejam participativos no processo de aprendizagem. Vale evidenciar que, a experiência sensorial estimula a curiosidade, sendo um aspecto fundamental para atingir o conhecimento (BORGES; PAIVA, 2009).

Como os espaços para instalação de jardins estão cada vez mais reduzidos, existe a possibilidade dos jardins verticais. Essa forma de cultivo de plantas é bem comum em escolas e utiliza muitas vezes materiais disponíveis como embalagens de plástico, caixas de madeira ou treliças.

Se houver espaço no pátio escolar, uma ideia para melhorar a área de convivência são os pergolados. Em algumas instituições de ensino os pergolados podem servir para comportar mesas de trabalhos em grupo, livros para leitura, plantas ou exposições diversas. Ter livros para ler ou para troca é uma opção interessante que estimula o interesse pela leitura, esse espaço pode ser feito com materiais alternativos, em alguns lugares utilizam-se inclusive geladeiras usadas. Outra possibilidade é o pergolado comportar painéis solares demonstrando a importância da energia renovável, são os pergolados solares, apesar de ter um custo mais alto, são educativos pois permitem aos alunos carregarem seus celulares e perceberem a iluminação gerada pelo sol.

• Hortas

Na perspectiva escolar, a inserção de uma horta, na visão de um laboratório vivo, possibilita um desenvolvimento teórico e prático sobre a educação ambiental, unindo um trabalho coletivo entre os alunos além do vínculo possível entre algumas unidades curriculares (TRENTIN; PEREIRA, 2014). O manuseio dos alunos com diversas espécies alimentícias consegue ampliar o conhecimento dos discentes a entender melhor sobre como os alimentos provêm até a sua casa.

Uma horta, exige cuidados específicos para conseguir manter as hortaliças bem cuidadas e vivas para a colheita. Dentro dessa visão, Costa, Souza e Pereira (2015) chamam a atenção para alguns cuidados ao inserir uma horta, como a análise do solo onde será instalada, para saber se a espécie a ser plantada é apropriada para o espaço; a averiguação das condições climáticas locais, se os dados pluviométricos podem ou não atingir de uma forma negativa no plantio; o quanto o espaço está apropriado; e entender melhor sobre a cobertura vegetal; entre algumas outras características específicas de cada ambiente. Da mesma forma, o plantio desse espaço deve sempre ser caracterizado como orgânico. Com isso, a horta orgânica, além de prover uma alimentação mais saudável, pode-se mostrar aos alunos que é possível criar um espaço saudável e ambientalmente correto. Recomenda-se aliar a horta com uma composteira, pois as escolas geram resíduos orgânicos, os quais podem virar adubo, ampliando o conhecimento dos alunos sobre técnicas de compostagem.

• Meliponário

As abelhas são fundamentais para a manutenção da vida no planeta. Usar as abelhas sem ferrão, as nativas, como instrumentos didáticos, atrai a atenção e estimula a curiosidade de crianças, adolescentes e adultos, e os conhecimentos relacionados as suas características biológicas, ecológicas, econômicas e históricas muito relacionadas aos conceitos envolvidos na educação ambiental (QUEIROZ et al. 2017).



Instalar e manter um meliponário alia vários conhecimentos interdisciplinares e oportuniza diversas atividades que tratam da preservação da biodiversidade por meio de espécies de abelhas inofensivas e de fácil manejo. O interesse e valorização dessas espécies implica na recuperação e na manutenção de áreas verdes, com benefícios para todos os outros seres vivos e para a manutenção dos serviços ambientais.

• Viveiro de Muda

Um viveiro de mudas pode ser instalado com diferentes tamanhos e objetivos. Segundo Lemos e Maranhão (2008), nos viveiros de mudas os estudantes possuem a oportunidade de observar e manusear o objeto de estudo: sementes, plantas ornamentais, medicinais, frutíferas, hortaliças, etc. O viveiro pode direcionar as pessoas a pensar sobre os diferentes aspectos que a cerca, especialmente dentro do processo de ensino aprendizagem, além de estimular as pessoas a praticarem ações em prol de um bem-estar coletivo e com a natureza.

• Trilha

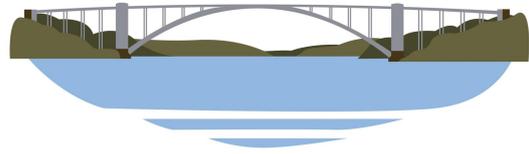
A trilha pode ser interpretada como um espaço natural entre vegetações, a qual pode levar a interpretação ambiental e dos fenômenos locais (SILVA et al., 2012). Os autores ressaltam que por onde passa uma trilha deve apresentar um mínimo de alterações realizadas pelo homem, deixando o ambiente o mais natural possível. Inserida nas escolas, a trilha consegue transmitir conhecimentos, sem contar em promover atividades significativas, por meio de instrumentos pedagógicos, os quais diversificam as reflexões que os alunos têm por espaços como esse, além de ampliar a sensibilidade dos mesmos em ambientes abertos (BUZATTO, KUHNEN, 2020). Esse espaço ambiental pode ser diferenciado, dentro do estudo da EA, em trilha ecológica, interpretativa, ambiental e sensorial.

CONCLUSÕES

Os resultados da revisão bibliográfica mostraram que é possível o pátio escolar ser um espaço educador. A instalação e manutenção de jardins, hortas, meliponário, viveiro de mudas e/ou trilhas atreladas a projetos ou ações de educação ambiental auxiliam nos processos educativos, especialmente por serem ao ar livre, permitindo um contato mais integral dos educandos com experiências e situações educativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, M. I. A. (org). Desemparedamento da infância: A Escola como lugar de encontro com a Natureza. 2 ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza e Instituto Alana. 2018.
2. BORGES, Thaís Alves; PAIVA, Selma Ribeiro de. Utilização do jardim sensorial como recurso didático. *Metáfora educacional*, n. 7, p. 2, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3664650>. Acesso em: 12 jan. 2023.
3. COSTA, Carlos Antônio Gonçalves da; SOUZA, José Thyago Aires; PEREIRA, Daniel Duarte. Horta Escolar: alternativa para promover educação ambiental e desenvolvimento sustentável no cariri paraibano. *Polêmica*, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 1-9, 28 out. 2015. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/19350/14025>. Acesso em: 25 nov. 2022.
4. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
5. LOUREIRO, C. Educação Ambiental e Epistemologia Crítica. *Rev. Eletrônica Mestre. Educ. Ambient.* v.32, n.2, p. 159-176, jul./dez.2015. Disponível em: <file:///C:/Users/raul/D/Downloads/5536-Texto%20do%20artigo-15676-1-10-20151206.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.
6. MENDONÇA, R. Educação Ambiental Vivencial. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*, Vol. 2, 2007. p. 119. Disponível em: *Educação Ambiental Vivencial*. Acesso em: 05 set. 2022.



7. QUEIROZ, Ana Carolina Martins de et al. Ações de educação ambiental em meliponicultura. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS NA AMAZÔNIA, 6., 2017, Belém, PA. Anais. Belém, PA: UEPA, 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1085682/acoes-de-educacao-ambiental-em-meliponicultura> . Acesso em: 02 Mar. 2023.
8. SAITO, Carlos Hiroo. Política Nacional de Educação Ambiental e Construção da Cidadania revendo os desafios contemporâneos. In: RUCHEINSKY, Aloisio. Educação Ambiental - Abordagens Múltiplas. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2012. p 54-76.
9. SILVA, Mirele Milani da et al. Trilha ecológica como prática de educação ambiental. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, Santa Maria, v. 5, n. 5, p. 705-719, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reget/article/download/4156/2800>. Acesso em: 15 fev. 2023.
10. TRENTIN, Eldiamir Salet; PEREIRA, Luciana Boemer Cesar. Escola do campo: ensinando e aprendendo no contexto da horta métrica. XII EPREM – ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 12., 2014, Campo Mourão.. Paraná. 2014. Disponível em: <http://sbemparana.com.br/arquivos/anais/epremxii/ARQUIVOS/COMUNICACOES/CCAutor/CCA026.PDF> . Acesso em: 17 nov. 2022.